

REVISTA ILUSTRADA

CORTE

ANNO	16 \$000
SEMESTRE	9 \$000
TRIMESTRE	5 \$000

PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.

A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
À RUA DE GONÇALVES DIAS, N.º 50, SOBRADO

PROVINCIAS

ANNO	20 \$000
SEMESTRE	11 \$000
AVULSO	1 \$000



- O que diz o general a semelhante derrota?
- O que eu pergunto, é o que dirá o nosso candidato!



Rio, 21 de Abril de 1888.

A VIDA POLITICA

Quinta-feira, 19, foi um grande dia para a revindicta dos direitos sagrados d'essa legião de infelizes, que, ha tres seculos, no trabalho forçado, amassa com sangue e lagrimas o alicerce do nosso edificio social.

O eleitorado do 1º districto, chamado a sancionar a escolha de um ministro, de cujos talentos e opiniões muito tem a esperar a causa primordial da nossa patria, a abolição do elemento servil, — deu um voto decisivo.

Larga discussão se estabelecêra sobre a attitude a manter diante da candidatura do Sr. Ferreira Vianna.

O partido conservador apresentava uma forte dissidencia, por motivos que todos cohecem.

O liberal, hcurando o precedente de 1871, declarava não ir ás urnas, para não offerêr difficuldade, mesmo indirecta, á realisação das ideias do gabinete.

A Confederação Abolicionista, representando todos os matizes das opiniões libertadoras, sustentava o ministro.

As *Novidades* orgão do passado ministerio, declarava, em artigo de fundo, que o « cadaver moral do Sr. ministro da justiça era sustentado pelos hombros dos Srs. Clappe e José do Patrocinio. »

Todos, mais ou menos, eram coherentes com as suas ideias!

Só o chamado partido republicano, repudiando as suas tradições generosas, offercia um candidato, em opposição ao ministro, atravessando-se no caminho da ideia abolicionista.

Sabia-se e todos tinham d'isso consciencia, que era muito possivel que uma certa massa de votos negreiros, convergisse para o nome do contendo do ministro.

Uma eleição enorme pesava, pois, sobre os suffragios que obtivesse o nome prestigioso de Quintino Bocayuva.

Elle, porém, na sua circular procurava desviar esse golpe, declarando, formalmente, quaes as suas idéas.

Alguns dos seus correligionarios, porém, não se prendiam com esses escrupulos.

Um d'elles escrevia no *Diario Popular*, de S. Paulo:

« Que partido, no momento em que as paixões se retalham produzindo as desorientações e a anarchia dos espiritos, que partido já se deu ao trabalho impossivel de verificar a côr dos suffragios, que avolumam o effectivo das suas forças? »

A operação é outra: verifica-se o precipitado que ficou e permanece no fundo da opinião. »

Outros, declaravam, alto e bom som, terem a respeito do voto a opinião de Vespasiano, sobre o dinheiro: que elle não trazia o cheiro da sua procedencia.

Era um erro fatal e que hade custar muito caro aos que o praticaram!

Realizado o pleito, sob taes auspicios, o ministro da justiça, que na eleição de 1885 obtivera 1006 votos, sahiu das urnas laureado por 1346 ou 340 a mais.

Quintino Bocayuva, victima da cegueira de seus amigos, tendo obtido em 1885, 457 votos, obteve ante-hontem, apenas, 110 ou menos. 343!

O ministerio teve, assim, a primeira sanção publica da sua existencia, ganhando extraordinaria força.

A eleição do dia 19 significa, pois, um mandato nacional, em prol da abolição.

As urnas sagraram o gabinete de 10 de março, como a legitima expressão das aspirações nacionaes.

Que elle se inspire n'esse laudo eloquentissimo, e, quanto antes, inscreva o Brazil entre as nações civilizadas e livres, aonde todos os homens são iguaes perante a lei, e aonde a condição do escravo é uma palavra vã.

Julio Verim

Bellas-Artes

E' mais que evidente, hoje, que a nossa Academia de Bellas-Artes precisa de uma reforma radical, começando por abandonar o edificio em que funciona, por ser de todo imprestavel. Não menos imprestaveis são os seus estatutos, fabricados quasi que no tempo de D. João VI, o que para o Brasil, em comparação á Europa, é equivalente á epocha anti-diluviana.

Por exemplo: qualquer deliberação tomada pela directoria ou pela congregação dos professores, presidida pelo director da Academia, não pode ser posta em execução, sem que seja consultado o Sr. ministro do imperio. Precisa-se mudar o horario de uma aula, consulta-se o ministro; necessita-se pagar vinte ou trinta mil réis a um individuo, que serviu para modelo na aula de desenho, consulta-se o ministro, urge comprar-se um espanador e mais duas vassouras, e pagar-se o carreto ao portador, das ditas, avisa-se o ministro para este mandar satisfazer a importancia, por intermedio do Thesouro nacional.

E é deste modo que se pagam insignificantes e ridiculas quantias, para as quaes são precisos officios, requerimentos, avisos e não sei que mais, que sobem, baixam ou descem, durante uns poucos de dias, pelos canaes competentes—como dizem em estylo administrativo—formando enorme papelada, a qual leva não sei quantas rubricas de chefes de secções e escripturarios, para tornar a subir e de novo descer etc, até que, afinal, um bello dia, isto é, algumas semanas ou mezes depois, vem publicado no «Diario Official»: Pague-se ao Sr. Fulano dos Anzoes Carapuça a quantia de 2\$000 rs. etc.

E isto não é só em relação á Academia; é em tudo que diz respeito á administração publica!

Todavia, um estabelecimento que tem á testa delle um director, um vice-director, um secretario e não sei que mais, e além de tudo isto, uma verba especial no orçamento do Imperio, para as suas despesas, parece-nos que deveria, por si, resolver qualquer questão disciplinar, administrativa ou de regulamento interno e pagar toda e qualquer despeza, que estivesse dentro do seu orçamento, sem ser preciso consultar e incomodar, por bagatellas, um ministro, que tem mais que fazer do que indagar se realmente as vassouras velhas estão no caso de serem substituidas, por outras novas, ou se o carreto poderia custar meia pataca ou menos.

O que é extraordinario em tudo isso, é a posição do director da Academia! Para que serve então um director, se por si não pode resolver as questões mais simples de pura administração, n'um estabelecimento que dirige? se qualquer deliberação tomada em congregação de professores, por elle presidida, não pôde ter andamento sem a approvação do ministro, que não assiste á discussão e ignora totalmente o assumpto de que se trata?

Já se vê que nada pode haver de mais absurdo, do que esse systema, que colloca o director de um estabelecimento dessa ordem, na posição de um personagem verdadeiramente inutil e nullo, posição aliaz resignadamente exercida, durante longos annos, pelo ultimo director, até ao dia em que pediu a sua demissão.

Nesse dia, o Sr. Conselheiro Tolentino deixou, de estar em posição ridicula!

Não era de esperar, que gozando da fama de homem serio e sizudo e que nem sequer tinha—felizmente para elle!—a desculpa de necessidades, se sujeitasse, durante tanto tempo, ao triste papel que representou, agravado ainda pela circumstancia de ser leigo em materia d'arte, ficando na retaguarda do ultimo discipulo da Academia.

Ora, é preciso concordar que quando um estabelecimento tem á testa da sua direcção uma capacidade artistica dessa ordem, não são para admirar todos os disparates que de lá teem sahido, sahem, e continuarão a sair, emquanto não se der uma nova direcção, que acabe de uma vez com as constantes e justas queixas, que se levantam contra a Academia.

O ex-director, em quem todos reconhecem qualidades apreciaveis, muita affabilidade e extrema delicadeza, tem em parte, grande culpa de tudo isso, por ter-se deixado governar, em absoluto, pelo Sr. Mafra, secretario da Academia e professor de ornatos.

O Sr. Mafra, de ha muitos annos, comprehendeu que o director verdadeiro devia ser elle, em vista da falta de conhecimentos artisticos do director official. Por esse lado, achamos que elle tem razão: pois que, se assim não fosse, a atrapalhação academica ainda seria maior. Dotado de muitos conhecimentos e intelligentissimo, o Sr. secretario poderia prestar relevantissimos serviços, se juntasse á sua vasta illustração artistica, o desejo de

acompanhar a evolução que a arte tem soffrido, ha alguns annos a esta parte.

Infelizmente, o Sr. Mafra é intransigente e não admite que a arte possa progredir, sahindo fóra das regras e convenções das antigas escolas italianas, hespanholas ou flamengas, que hoje todos repudiam, sem todavia deixar de admirar-as, por entender-se, e muito bem, que a arte deve ser livre, podendo cada artista dar o cunho da sua individualidade, no modo de sentir e executar, sem imitar nenhuma escola nem respeitar convenções e regras estabelecidas.

Ora, o Sr. Mafra deveria comprehender que essa evolução é toda natural; que hoje o modo de ver não é o mesmo de ha cincoenta annos; que tudo mudou e que a pintura, a esculptura, a musica e a architectura são interpretadas pelos artistas de um maneira inteiramente diversa.

Repugnando aos artistas modernos sujeitarem-se ao systema antiquado de ver do Sr. Mafra e respeitar uns estatutos que hoje são uns verdadeiros disparates, é natural que haja uma certa indisposição entre este e aquelles, dando em resultado uma infinidade de cousas desagradaveis que podem acabar em verdadeira chinfriada, como ia acontecendo, não ha muito tempo, e que, por deferencia aos dous contendores, calamos seus nomes.

O Sr. Mafra julga-se forte, porque tem atraz de si quasi toda a congregação de professores da Academia, não se contando, felizmente, entre elles, um só artista.

E essa congregação o acompanha, porque, até hoje, o Sr. Mafra foi, sempre quem deu as cartas.

(Continúa).

X.

EM OUTUBRO

A OLIVEIRA BRAGA FILHO

Olá, de volta, primavera!
Bom dia! Emfim voltas, bém vê-se,
No ceu azul que reverbera,
No campo em flor que reverdece.

Como um nababo sumptuoso
O sol que reaparece agora
Passa arrastando o esplendoroso
Manto de purpura da aurora.

E para festejar-lhe a volta,
A este formoso sol de Outubro,
A natureza desenvolta
Ao seu olhar faminto e rubro

Coquettemente se engrinalda
De flores, e mostra a riqueza
Dos seus vestidos de esmeralda,
Dos seus vestidos de princeza.

Ar domingueiro o bosque assume;
Tornam-se, á luz de um claro dia,
As flores—cheias de perfume,
As almas—cheias de alegria.

Sim, isto agora é outra cousa!
Sente-se a gente mais a gosto
Do que por baixo dessa lousa
— O céo tristissimo de Agosto.

No inverno a phantasia arrasta
O vóo para a sombra negra
De uma região, erma e nefasta,
Que luz alguma não alegra.

Meu coração, esse estouvado
Que a luz da aurora contamina,
Sente-se preso e asphyxiado
Entre as paredes da neblina.

E enquanto fóra uivam os ventos
Vergando as arvores, eu ouço
Dentro de mim, como lamentos
No fundo lóbrego de um poço,

Vozes funereas, todo um córo
De imprecações e de blasphemias:
Dentro do peito, um sorvedouro,
Gera-as a sombra e o tédio geme-as....

Mas, hoje, voltas, primavera!
E esse teu halito fragrante
Dá flores á campina, e gera
Na alma a alegria hilariante.

Voltam-me agora os bellos sonhos:
Olho em minha alma e julgo vel-os
Abrindo os cálices risonhos
Ao sol, com as flores, e entre os gelos.

E da chimera a aza travessa
Vôa pela minha alma a fóra
Como um insecto que começa
O vóo, ac despontar da aurora.

Noiva do sol e minha noiva,
Minha alma é quando estás ausente
Como um sepulchro que se engoiva
De maguas, funerariamente;

E em cujo fundo apodrecido
O riso, podre e desconjuncto,
Como um cadaver esquecido,
Dorme o seu somno de defunto...

Mas quando voltas, quando volta
Ao campo a veste de esmeralda,
E a natureza desenvolta
Coquettemente se engrinalda,

Sim, quando a rir surges e tornas,
Quando teu esplendor assoma
No ceu, e sobre a terra entornas
As tuas amphoras de aroma,

Na sombra de minha alma brota,
Viva, a alegria; o riso vem...
E eu rio como um idiota,
E sou feliz como niuguem.

VICENTE DE CARVALHO.

CONTOS TRANSPARENTES

BABYLONIA

(Continuação)

- E' uma perfeita maluquice!
— Ora, ora! Haja amor e chova arroz!
— Eu, tambem já fui assim. E' tributo que se tem de pagar. Mas, hoje! Quem te viu e quem te vê...
— E's bananeira que já deu cacho.
— Assim, assim... Ai meu Deus!
— Mas, que calor!
— E' verdade. Já se póde dar como

consta, que o decreto do amor universal, vem ahi.

N'isto, aproximou-se uma outra formiga, do grupo.

— Então, que ha de novo?

— A attribuição é geral, lá pelas alturas, com a desgraça da expedição.

— E, nós que não nos lembravamos mais, de tal! Quem sabe se isso não virá obstar...

— Mas, então, de que se occupavam vocês?

— Nós commentavamos o calor que está fazendo, que, como sabés, nos parecia prenuncio dos mysterios do — engrandecimento do formigueiro.

— Ah! eu logo vi. Já se sabe! E' como entre os homens... Trez ou quatro formigas reunidas... não se trata de outra coisa.

— Mas, será adiado? perguntou um d'elles, com grande curiosidade.

— E' provavel que não.

E continuou:

— A principio, com a desgraça que nos aconteceu, o grande morticinio que houve, pareceu que, durante muito tempo, não se trataria senão de lamentações e necrologios. Felizmente, o ministro do interior, uma cabeça intelligente, — uma grande formiga! — disse: deixemo-nos de phrases ociosas. Aqui, o que ha a fazer, é cuidar dos vivos e enterrar os mortos!

— Muito bem! Cuidar dos vivos. E eu acrescentaria: e dos que teem de viver.

— Mas, está insupportavel este calor!

— Não ha que vêr. Agora eu daria a noticia, sem receio de ser desmentido.

— Não ha mais necessidade do consta.

— Pois, até logo. A companhia está muito bôa, mas o tempo corre e eu tenho que fazer.

— Vamos saber do que ha.

— Até logo.

E o grupo dispersou-se, em varias direcções.

Por toda a parte só se ouviam estas exclamações:

— Que calor!

— Está insupportavel.

— Vamos ter trovoadas.

— Não se encontra um pouco de fresco, em parte alguma.

— Estou incommodadissima...

— Eu, tambem. Tonteiras, até me falta a respiração.

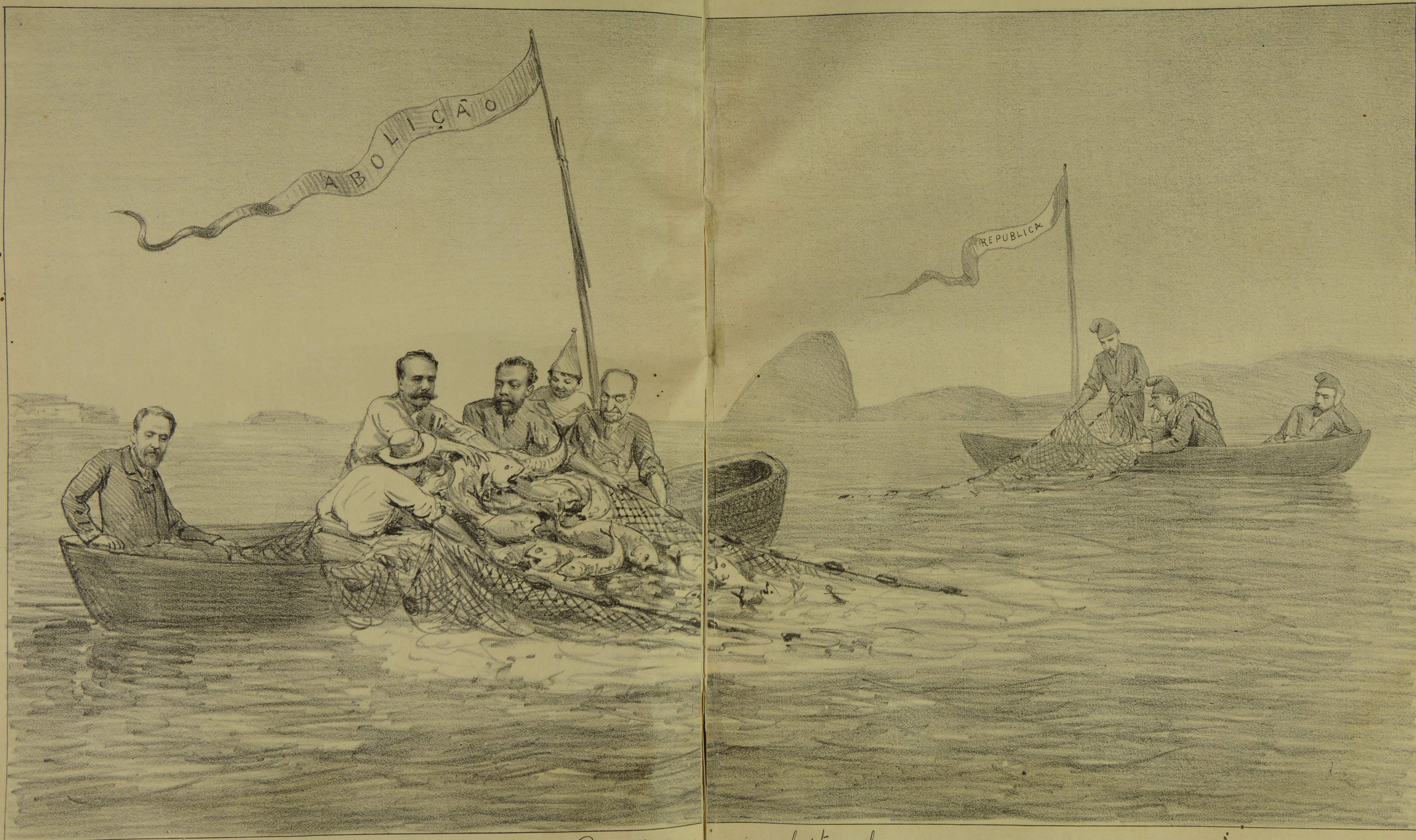
— Parece que o sangue ferve nas veias...

— Isto, é coisal!

Effectivamente, a atmospheria abafada do formigueiro, fazia lembrar os arredores de uma fundição, com o seu ambiente, quieto e aquecido. Respirava-se, a custo.

Era um d'esses dias de janeiro, antecedidos, já, por outros seis ou oito, de calor intenso, sol radiante, noites calmas e socegadas, em que as folhas não bolem, e as brisas parecem ter ido, todas, aninhar-se nos versos e estrophas da poesia lyrica.

Era o tempo, em que a natureza, no seu labutar, cego e mysterioso, prepara a fecundação do mundo vegetal e animal; em que os insectos allucinados, veem, em



Grande pescaria eleitoral.
Na eleição do dia 19, a Confederação Abolicionista lançou a sua rede em favor do candidato Ferreira Vianna, conseguindo pescar 1346 votos; isto é, peixes, de todo o tamanho e côres políticas. Os republicanos, menos felizes, apenas alcançaram para o candidato Quintino 110, entre sardinhas republicanas e baiacús negreiros.

bandos, rodear e crestar-se nas chammas de gaz, coitados! já ardendo nas do amor.

A acção da temperatura elevada vae-se fazendo sentir, pouco a pouco. A principio as formigas mostram-se distraídas, absortas, presas n'um ideal; perdem o appetite; tornam-se errantes; depois agitadas; depois furiosas.

Podia-se dizer que essa Babylonia, esquecida dos factos de momento, preparava-se, inconscientemente, para algum grande acto.

Havia, no formigueiro uma certa transfiguração. Notava-se, mesmo, a presença trefega e agitada, de muitas formigas, ostentando nas costas um par de azas luzentes, e ensaiando pequenos vôos, incertos.

Em breve, o numero d'estas predestinadas, a quem a natureza dotára, repentinamente, com os attributos das aves, augmentava de um modo extraordinario, fervilhando nas avenidas, cruzando os vôos nos largos, e dando um aspecto singular ao formigueiro.

Entre ellas, muitas outras, que não tinham o mesmo privilegio, andavam, terra a terra, e seguiam com o olhar os vôos das companheiras, manifestando, a tal respeito, varias opiniões.

Umaz diziam, com inveja:

— Felizes! Sois iguaes aos anjos, podeis voar para onde vos approuver, até attingir o céu...

Outras, descrentes ou de mau humor, exclamavam:

— Andae, voae! Mas lembrai-vos, sempre, que a formiga quando cria azas é para se perder.

Outras, ainda ficavam mandibulabertas (para não dizer boquiabertas) e repetiam, com veneração:

— Venus é uma deusa muito poderosa. Vejam que milagre de conceder ás suas devotas esse condão das aves! Bem dizem os homens: o amor dá azas!

Emquanto isto se passava, o numero das formigas voadoras augmentava, espantosamente, enxameando por toda a parte, fazendo estranhas gymnasticas, pulando d'aqui para acolá, suspendendo-se aos tectos ou cruzando os ares, em vôos indecisos.

Em breve, centenas de milhares, n'uma effervescencia louca, cruzavam-se por toda a parte, em extravagantes evoluções.

E, como o leitor, de certo, sabe, todas essas formigas, que assim, momentaneamente, adquiriam o privilegio de voar, eram as que a natureza destinava aos mysterios da fecundação.

A athmosphera, cada vez se tornava mais abafada. Approximava-se a hora, em que o sol descamba no horisonte, por essas tardes de verão, em que os longos crepusculos, calmos e radiantes se prolongam por mais de uma hora, sobre o pôr do sol.

Os vôos das formigas, cada vez se tornavam mais frequentes, mais repetidos, mais vertiginosos.

De repente, porém, esses vôos isolados começaram a concentrar-se, e as formigas, dispersas, a formarem cachos, ora nos tectos, ora sobre o chão.

Soava a hora do amor.

(Continúa.)

J. V.

FORÇA E LUZ



H PROGRESSO! dissemos, segunda-feira ultima, na experiencia official do novo tram-way electrico, destinada a funcionar nas linhas de bonds do Rio da Prata.

A experiencia correu magnificamente dando o novo systema de tram-way os melhores resultados.

A Companhia merece um voto de louvor.

Ao contrario do que muita gente pensa, a tracção electrica, não é bem vista pelos retrogradados, e pelos actuaes motores dos bonds.

Uns, julgam isso invenção do diabo, tal como o apoplectico do Ribeirão Preto, que ao ouvir silvar a locomotiva, cahiu redondo com uma apoplexia fulminante...

Os muares, também, olham com horror para o novo invento.

Era curiosissimo observar o que se passava nos bonds que vinham em sentido contrario ao carro electrico. Os muares, logo que davam com os olhos, no novo carro, afixavam as orelhas, distendiam as narinas, ladeavam, pintavam o sete e á força de couces, protestavam não se approximar do carro electrico.

Tinham razão, as pobre bestas! As companhias de bonds, representam para ellas a aposentadoria, a vida folgada e milagrosa, livre das carroças de café e dos competentes carroceiros. No serviço dos bonds foi abolido o chicote e tudo ali se faz por persuasão.

E' o senado, dellas!

Demais, bom passadio, horas de descanso, um estado feliz, na terra que o povo classifica como o inferno d'essa especie de entes...

A tracção electrica, vindo tirar-lhes o emprego, de que gozam, nas companhias de bonds, era uma tremenda ameaça de os fazer voltar á vida de puchar carroça, por uma cidade sem calçamento e sem policia e onde a sociedade protectora dos animaes pouco mais faz, que proteger-se a si.

Assim, vendo o bond electrico, os muares, que vinham em sentido contrario, mostravam-se possessos, horrorizados, cheios de terror e de couces. Cada bond que passava pelo tram-way electrico, porpocionava um espectáculo phantastico, parecendo que era o diabo que apparecia aos pacificos muares.

Este episodio, provocou muita hilaridade, entre as pessoas, que assistiam á experiencia.

Notou-se, mais, que o espanto causado pelo carro electrico, só se exercia, sobre os muares dos bonds. Os que passavam, puchando pesadas cargas, não se incommodavam nem davam manifestações hostis ao novo invento. Tinham consciencia, de que elle não lhes affectava a sorte, visto como já occupavam a infima escala animal, puchando esses pesadas vehiculos.

Mas, os muares dos bonds, santo Deus! que furia e que horror!

Dir-se-hia que o novo bond lhes vinha tirar o pão, e mettê-los n'uma vida infernal!

A' ultima hora, constava que elles iam dirigir uma representação á Sociedade Protectora dos Animaes, protestando contra este concurrente mysterioso, que lhes ameaçava a vida folgada e milagrosa que levavam.

Academia das Bellas Artes

Do Sr. J. Zeferino da Costa, distincto lente da aula de paisagem, da Academia das Bellas Artes, recebemos a seguinte carta, que, com prazer publicamos.

« Sr. Redactor.

O interesse generoso que a imprensa d'esta Côrte tem dispensado aos acontecimentos da Academia das Bellas Artes, principalmente depois do ultimo e celebre concurso do premio—Viagem á Europa—anima-me a expôr, pelas columnas de um jornal que com tanto fervor e criterio tem tratado d'essas questões, tudo quanto, em consciencia, entendo não dever deixar em silencio.

Uma das questões, que, n'este momento, por desagravo de consciencia, julgo que nem a imprensa nem o publico devem ignorar, refere-se aos interesses da aula da paisagem, que, interinamente, dirijo.

Esta aula, que deveria como as outras da mesma Academia, começar os seus trabalhos nos primeiros dias do mez de março p. p, conforme determina o Regulamento, só hontem (18 de Abril) começou a funcionar, ficando, portanto, os respectivos alumnos prejudicados, já no principio do anno, em mez e meio de estudo!

Para que a responsabilidade d'esse facto anormal vá pesar sobre quem o motivou, passo a expôr o que a tal respeito se deu.

Depois da fatal questão do concurso ao premio—Viagem á Europa—lembrei-me de apresentar á congregação da Academia um relatorio dos trabalhos escolares, do anno ultimo, por occasião dos julgamentos das provas dos alumnos.

Lendo, em congregação, esse trabalho, aonde compendiava o meu modo de ver e as minhas observações, fui constantemente interrompido pela maioria da congregação, quér em termos inconvenientes, quér em apartes, que denotavam um desagrado que já se manifestava sem reboço.

Finalmente, o meu relatorio, aquella exposição necessaria, pelas verdades, que lhe davam o maior dos meritos, teve a sorte dos papeis velhos: foi archivado!

Era a recompensa aos meus esforços; era o odio, germinando então, contra mim e os propositos de vingança, que não se fizeram esperar.

Dicidi-me, então, a publicar o relatorio, que mereceu da imprensa favoravel acolhimento, dignando-se também V. occupar-se do assumpto.

A Academia não viu com bons olhos a innovação; tive, porém, o desvanecimento

de, mais uma vez, haver cumprido com o meu dever.

Mas, o professor J. Zeferino da Costa tinha sido um temerario e deveria pagar muito caro a sua ousadia!

Immediatamente pensou-se na melhor fórma de magoal-o, exonerando-o, e isto sem outras formalidades mais, do que pedir o professor da Cadeira de Dezenho figurado transferencia para a de Paizagem, leccionada por mim.

Manejada assim a intriga, como não desse resultado, procuraram outros meios, que foram, igualmente, baldados.

Então, recorreu-se ao estratagemma: para que nenhum alumno pudesse matricular-se na aula de Paizagem organisou-se, para esta aula, um horario official incompativel com o das outras, não obstante as providencias tomadas por mim, para que não acontecesse semelhante irregularidade!

Quando, para tratar-se da organização do horario e programma das aulas, reuniu-se a Congregação no dia 18 de Fevereiro p. p., não tendo eu podido comparecer áquelle sessão, por incommodo de saude, dirigi um officio á Academia, em que muito por precaução, propunha que o horario da aula de Paizagem fosse livre; isto é, que nunca deveria semelhante horario complicar com o das outras aulas; isso, em proveito do incremento das artes no paiz, e porque, naturalmente, muitos alumnos matriculados em aulas differentes, poderiam matricular-se tambem na de Paizagem. Na mesma occasião apresentei o respectivo programma.

J. ZEFERINO DA COSTA.

(Continua)



Depois da auspiciosa estreia da companhia do actor Guilherme da Silveira, no theatro das Variedades (ex-Phenix) tem continuado a ir á scena, com regular concurrencia, os *Mysterios de Paris*, o celebre drama que todos conhecem.

Não nos deteremos na apreciação da peça, que tem feito a volta do mundo e ha mais de 30 annos faz as delicias dos amadores de situações fortes e palpitantes. O que queremos notar é o bom conjuncto d'esta companhia, que, pelos seus esforços e aptidões das principaes figuras, consegue satisfazer as exigencias do publico.

Guilherme da Silveira executa excellentemente o papel de Jacques Ferrand, dando-lhe collarido e notavel relevo.

Maia, o consciencioso actor, que tão bem sabe interpretar os typos populares, dando-lhes um sainete comico irresistivel, conseguiu agradar a todos.

Boldrini é tambem um actor de bastante merito, cuja boa vontade lucha heroicamente, com as difficuldades de pronuncia de uma lingua estranha. Cada dia, porém, revela-se n'elle um progresso.

A estreia do actor Almeida, em nossos palcos, fez conhecer um talento muito promettedor.

Sepulveda, Mendes Braga e Araujo, tambem se mostraram decididos a captar as boas graças do publico.

Ismenia, foi a actriz correcta, que todos conhecemos, interpretando com muita naturalidade e vigor o papel de condessa Sara; Dolôres, Balbina, Edelvira e Clelia, completaram o excellento conjuncto dos *Mysterios de Paris*, bem digno pelas suas tradicções e pelo desempenho que teve, dos applausos com que foi recebido.

No Recreio Dramatico continúa a ser levado á scena, com exito, o *Boulevard da Imprensa* e a bonita comedia *Politica de casados*.

O sympathico theatro da rua do Espirito Santo, não gosta, porém, de dormir sobre os louros adquiridos e já annuncia para hoje a 1ª representação da comedia de Arthur Azevedo *A Almanjarra*.

Nas horas que sobram de todos esses trabalhos e d'essa continua actividade, ao que nos consta, a companhia ensaia já, uma nova peça de grande effeito *A sexta parte do mundo*!

No Sant'Anna, as *Notas Recolhidas* dos Srs. Lopes & Cardoso luctam heroicamente, com a má vontade de alguns criticos e com a falta de reclames nos jornaes.

E' unanime, porém, a opinião de que a peça dos Srs. Lopes & Cardoso, é uma das mais finas e delicadas revistas do anno, que têm figurado em nossos theatros.

No Polytheama Fluminense, o artista Pontes tem continuado com as suas touradas, attrahindo bastante concurrencia.

As touradas, não se pode negar, despertam grande enthusiasmo n'uma parte do publico, que tem tido occasião de se familiarisar com esse genero de espectaculos em Lisboa ou Madrid.

O Pontes, que muito tem luctado, em pról d'esses divertimentos, está colhendo agora o premio dos seus incessantes esforços.

Agora, uma noticia de sensação, uma d'essas noticias que deixam a gente satisfeita, porque entrevê logo uma noite deliciosa, n'um theatro a transbordar, respirando-se uma athmosphera de festa, ao som continuo dos applausos e das manifestações a um artista que tem sabido tornar-se o *enfant gaté* do publico.

Referimo-nos ao Vasques, que faz beneficio, d'aqui a uns 10 dias, terça-feira, 1º de Março.

Caros leitores, não se descuidem. Essa festa promete ser muito ruidosa, este anno, e quem não tiver, de ante-mão, adquirido o seu lugar, correrá o risco de só conhecer o que se passou no Sant'Anna, n'essa noite, — por tradicção.

Inaugurou-se, tambem, no dia 14, proximo ao largo da Lapa, o café concerto de nome El Dorado.

Alli se encontra, ao par de boa musica, regida pelo maestro Graveinstein, animadas cançonetas, um restaurante *v'lon* e toda a sorte de bebidas, para os diversos paladares.

Uma novidade completa.

Binoculo.

FESTAS & DIVERSÕES



NIMADA tem corrido a *Kermesse do Real Club Gynastico Portuquez*, em beneficio das aulas mantidas por essa benemerita instituição.

Em noites successivas, os salões do *Club* tem regorgitado de convidados, reinando sempre a maior animação e passando-se, alli, horas agradabilissimas.

Hoje, deve realizar o *Congresso Brasileiro*, um saráu-concerto, nos salões do seu edificio social.

As festas d'esta associação, como já temos dito, distinguem-se pelo bom gosto, pela ordem e pela distincta e escolhida sociedade, que as frequenta.

Por nossa vontade, nunca faltariamos a essas apraziveis reuniões.

A *Sociedade Recreativa de S. José*, tambem nos obsequiou com um convite para a esplendida soirée, que realizou sabbado ultimo.

O tempo voou agradavelmente, ora em animadas danças, ora amenisado pela amabilidade da directoria, que a todos captivava.

Pela nossa parte, sinceros agradecimentos.

Devéras brilhante, foi o baile do sabbado ultimo, no bello salão do *Congresso Gynastico Portuquez*.

A festa foi precedida por varias diversões, muito interessantes, taes como corridas a pé, a patins e velocipedes.

Depois, dado o signal das danças, os pares cruzavam-se com animação, e todos se mostravam satisfeitos e alegres.

Parabens á directoria.

O *Club dos Fenianos*, mais uma vez, realizou um d'esses bailes estrepitantes, feericos, cheios de encantos e de tentações!

Dançou-se, como se costuma dançar nos salões da animada sociedade, só cessando o rumor, quando o sol, mesmo sem ser convidado, fez a sua entrada triumphante nos salões do *Club*, não sendo lá muito bem recebido, pois de varios pontos da sala se ouviam as seguintes exclamações:

— Este raio... de sol!

— Importuno!

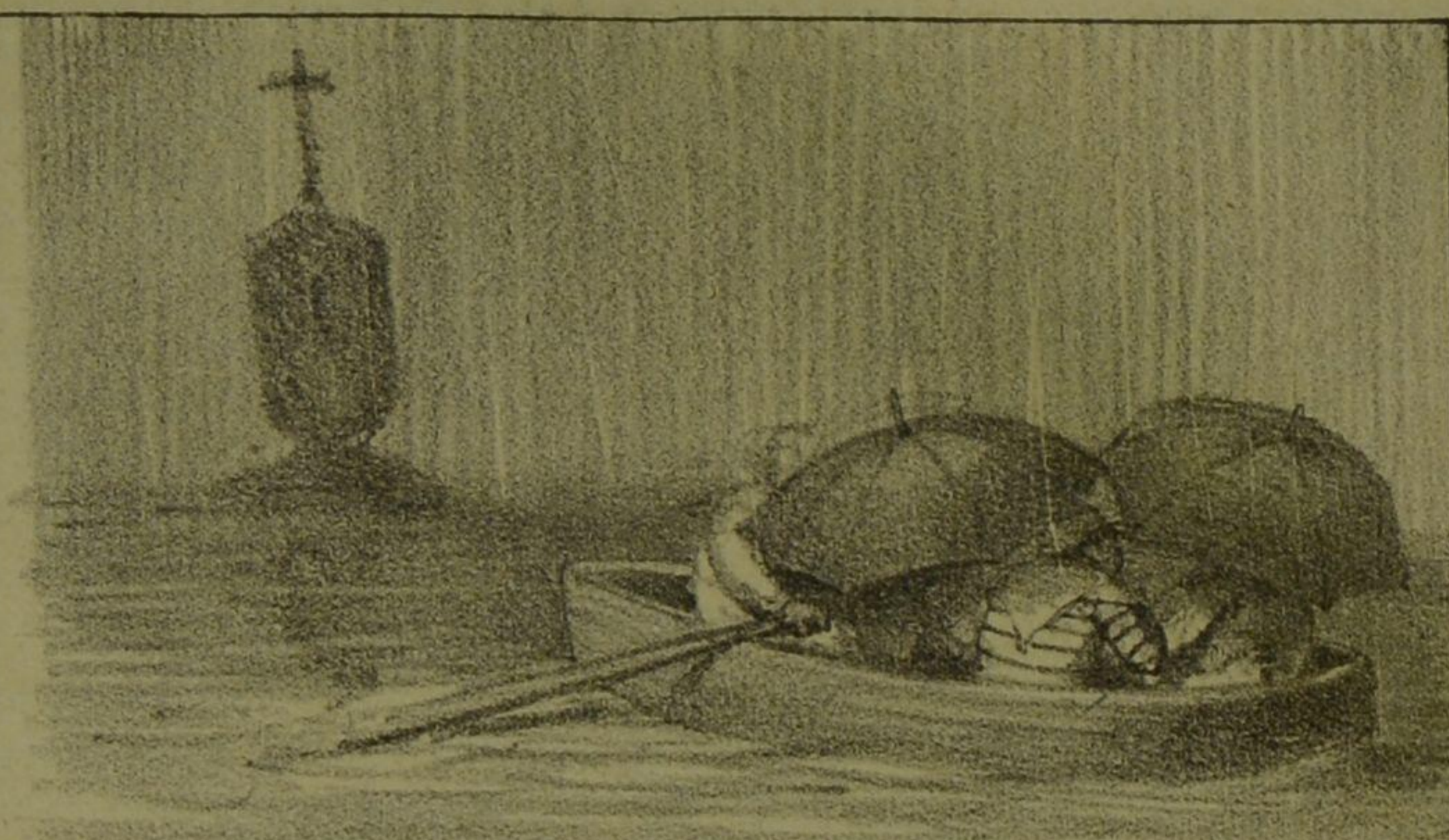
— Desmancha prazeres!

A todas essas sociedades, agradecemos os convites com que nos mismosearam.

Tic.



A "Revista" continua no gozo da mais perfeita molhada, devida ás tremendas chuvas que durante todas as noites inundam esta imperial e amphibica cidade do R.º de Yan.º



Momentos havia em que julgavamos ver as aguas subirem até o gimbório da Candelaria, onde iríamos procurar refugio. - E o Padre Eterno que está indignado contra os negreiros e manda o diluvio para os castigar, dizia um pessimista. - Não ha tal! respondia um optimista; Deus vindo proximo o dia da libertação, entendeu mandar agua bastante para lavar todas as manchas da escravidão, e disse: - Agua vai!



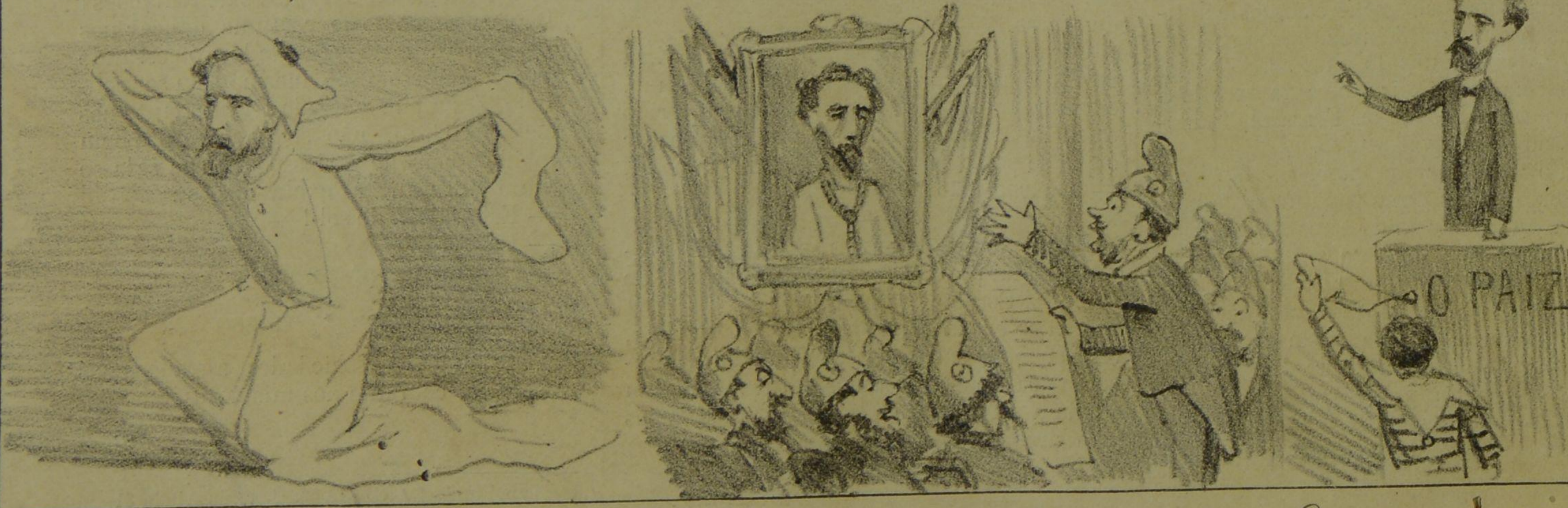
Por causa das aluviadas, estamos planejando uma nova arca, para salvar a nossa preciosa existencia e a dos nossos bons assignantes, (sem allusão á bicharia alguma.)



Excusado é dizer que não daremos entrada a certos animaes ferozes, causa primordial de uma ira tão celeste quão molhada.



Com a cidade assim inundada, pôde-se comparar a eleição do dia 19 com uma regata em que os republicanos apenas percorreram 110 metros, no mesmo tempo em que os abolicionistas alcançaram 1346.
Hip, hip, hurrah! para a santa causa. Bukt! Bukt! Banque!



O que quizeram certos republicanos foi metter o Quintino em camisa de onze varas.

Hoje, que se commemora o Tiradentes, bem poderiam substituir o retrato do martyr da monarchia pelo do martyr de um grupo de republicanos.

Quem tanto honra a imprensa, que melhor tribuna pôde desejar?